



Caravana agroecológica do ES: duas experiências, suas contradições e conflitos

Agroecological caravana of ES: two experiences, contradictions and conflicts

GUIMARÃES, Glauber Cardoso¹; BARBOSA, Sara Gonçalves²; MOUNTS, Devin³; CARDOSO, Irene Maria⁴

1 Universidade Federal de Viçosa gib_cardoso@hotmail.com; 2 Universidade Federal de Viçosa sarabarbosa88@gmail.com; 3 Comissão Fulbright devinmounts@gmail.com; 4 Universidade Federal de Viçosa irene@ufv.br

Resumo: No relato de experiência será abordada a questão dos conflitos territoriais no estado do Espírito Santo; para tal analisamos, comparativamente, duas das seis experiências visitadas durante a 2ª Caravana Agroecológica do Sudeste: o Assentamento Sezinio em Linhares/ES e o Sítio Lamego em Stª Maria de Jetibá/ES; apontamos o abismo de desigualdade entre os mesmos e propomos uma reflexão sobre suas causas.

Palavras-Chave: Agroecologia; agricultura orgânica; conflitos; assentamento; comunidade brasileira-pomerana.

Abstract: His account the examines the question of land conflicts in the state of Espírito Santo, and makes a comparative analysis of two of the six sites visited during the 2nd Agroecological Caravan of the Southeast: the Sezinio settlement of Linhares/ES and the smallholding farm of Lamego in St. Maria de Jetiba/ES; the focus is on the abysmal inequality between these two locations and a reflection on their causes.

Keywords: Agroecology; Organic Agriculture; conflicts; settlements; Brazilian-Pomeranian community.

Contexto: O projeto Rede de Núcleos de Agroecologia (R-NEAs) Comboio Sudeste promoveu a 2ª Caravana Agroecológica e Cultural do Sudeste, em parceria com a Articulação Capixaba de Agroecologia, INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência técnica e Extensão Rural), da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (campus Alegre); de vários NEA^s das Universidades e Institutos Federais de Educação da região Sudeste. A Caravana ocorreu entre os dias 07 a 11 de Abril de 2015.

Saíram 5 rotas dos estados da região Sudeste, sendo uma do Rio de Janeiro, uma de São Paulo e três de Minas. Uma rota entrou pelo Norte, duas pelo Sul e duas pelo centro do ES. Todas as rotas se encontraram em Alegre/ES. O presente relato refere-se a umas das rotas de Minas, que saiu de Uberlândia e incorporou caravaneiros dos Núcleos de Sete Lagoas, Belo Horizonte, Diamantina e da Zona da Mata mineira. Visitamos experiências agroecológicas e de agricultura orgânica, pelas quais pudemos presenciar alguns conflitos.

Eliminado:



A proposta da Caravana foi a de responder ao questionamento sugerido no III Encontro Nacional de Agroecologia: Por que interessa à sociedade apoiar a agroecologia? Para tanto, teve como principais objetivos: promover a convivência entre acadêmicas/os, agricultoras/es, artistas populares, estimular a troca de saberes, propiciar a reflexão sobre os conflitos sociais, visitar experiências que contribuam para a construção da agroecologia e produção orgânica e realizar diálogos com a sociedade. A Caravana propõe o Anúncio/Denúncia, ou seja, anunciar experiências agroecológicas e agricultura orgânica como formas sustentáveis de produção de alimentos e denunciar as fortes opressões vividas por essas comunidades.

Descrição da Experiência: Em Linhares (ES), no assentamento Sezínio, em uma praça com bancos de madeira sob uma árvore fomos recebidos pelos anfitriões: agricultores familiares de várias idades e que acumulam outras funções sociais, tais como: educadores, líderes comunitários, estudantes, artistas populares, técnicos agrícolas e etc. Aos pés da árvore se dispunham diversos elementos: sementes crioulas, frutas variadas, uma enxada, o emblemático facão [presente na bandeira do Movimento Sem Terra – MST] e um violão; estes simbolizam um caminho de trabalho, lutas e conquistas da população camponesa pela produção agroecológica, segurança alimentar e cultura popular.

Iniciaram contando-nos a história do Assentamento e do MST no estado. O movimento teve seu início, no ES, em meados da década de 1980 e em 1997 ocorreu a ocupação das terras onde hoje localiza-se o assentamento Sezínio. Foram 11 anos de repressão e lutas, até que em 2008 houve a desapropriação da fazenda para reforma agrária. Seis famílias vivem no assentamento, porém nem todos produzem de forma agroecológica, a propriedade que nos recebeu está na transição. As lagoas no assentamento garantem o suprimento de água fonte de resiliência contra a seca no Sudeste.

Prosseguem o relato e contam algumas mazelas que sofrem, a começar pelos latifúndios de monocultura que circundam o assentamento. Embora as famílias já tenham sido assentadas, o conflito territorial não acabou. Dizem que em algumas plantações é feita aspersão de veneno por avião, sem preocupação com a contaminação do ar, das águas ou das pessoas. Além disso, latifundiários os coagem para que o assentamento ceda às pressões por lucro da monocultura em larga escala.

Apontam também a falta de conhecimento quanto ao sistema agroecológico por parte de alguns: “Ele planta tudo misturado!” criticam-nos. Os mesmos críticos de seu método de plantação consorciado também ironizam quanto ao processo de recuperação do solo, dizem que os assentados realizam um trabalho fraco e lento e, supostamente, de baixa produção. Os assentados informam que, na realidade, a agricultura familiar abastece 70% – valor que pode estar subestimado – da produção do país, entretanto este valor é distorcido porque grandes empresas compram dos agricultores familiares e repassam às cidades, sem revelar a verdadeira fonte dos alimentos; relatam que os mesmos vendem suas produções de leite para a Parmalat, feijão para a Cereais Nico e milho para atravessadores.

Eliminado:



Ainda que possuam DAP e documentos que regularizem sua situação, afirmam que o acesso às políticas públicas é dificultado por barreiras burocráticas; PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) são sonhos distantes para os assentados; denunciam também que os bancos só financiam os grandes produtores. Sem apoio para a comercialização, contentam-se com a produção para subsistência “a comercialização é secundária, o importante é manter a alimentação da família e a saúde”, contam.

No campo político se acirra ainda mais o conflito territorial, o governo estadual segue uma ideologia, contrária ao MST, voltada para o neoliberalismo. Ao nível municipal os cargos mais influentes da administração pública são ocupados por antigos inimigos dos assentados, de épocas em que lideranças camponesas chegaram a ser executadas na luta pela terra. Contam que nas poucas vezes em que a prefeitura ofereceu apoio, foram medidas pontuais e irrisórias, que não atenderam às demandas do assentamento. Sem um bom diálogo com a sociedade é extremamente dificultoso o escoamento da produção.

No dia seguinte visitamos, em Santa Maria de Jetibá, o sítio Lamego, em uma comunidade pomerana que preza pelas suas tradições e agricultura. Praticamente todas as propriedades pelo caminho praticam o policultivo, o diferencial do Lamego é a agricultura orgânica.

Fomos recebidos com um banquete preparado pela esposa do agricultor familiar que nos recebeu; uma senhora idosa [assim como seu marido] que não perdeu a timidez diante de desconhecidos e pouco fala em português; ela, bem como todos da comunidade, tem o pomerano como o primeiro idioma. Após o almoço, iniciamos uma visita pela propriedade com o “sistemático” agricultor.

É uma pequena propriedade em um vale, que traz desde muitos anos as técnicas de agricultura orgânica herdadas há três gerações; a todo o tempo, o agricultor nos lembra dos alicerces da agricultura orgânica: “água limpa (livre de químicos), rotação de culturas, compostagem orgânica e diversidade de alimentos” resume. Todo seu discurso gira em torno da qualidade do solo e parece que compreendeu, empiricamente, a Trofobiose. Tem certificado de produção orgânica, emitido por órgão competente e produz mais de 80 tipos de alimentos.

A comunidade pomerana está estabelecida no local desde a segunda metade do século XIX, quando as terras foram ocupadas por imigrantes europeus; já fornecem para feiras do Estado e CEASA. Mesmo sem a DAP, este sítio tem maquinário próprio, sistema de irrigação, composteiras do tamanho de celeiros e piscinas, tanques, de água e de peixe, e ainda consegue escoar sua produção; tudo graças às vendas dos produtos orgânicos, que são um diferencial nas negociações. O agricultor se mostra exitoso ao informar que o sítio rende-lhe cerca de 20 mil reais mensais, que são divididos para apenas 6 pessoas, todas da mesma família. Assim sendo, não sente necessidade de recorrer a financiamentos. A comunidade se manteve coesa ao longo dos tempos e, atualmente, tem seu espaço bem delimitado na sociedade e economia capixaba.



As diferenças entre as duas experiências visitadas nos levou a alguns questionamentos e reflexões: Por que em uma experiência a produção apenas é suficiente para a subsistência da família e a outra gera lucros? Por que em uma há dependência das políticas públicas [por vezes inexistentes] e há na outra menos? Por que em uma não há necessidade de financiamento e na outra talvez o financiamento fosse útil? Por que a população residente há mais tempo no país precisa lutar por seu espaço, enquanto que os imigrantes mais recentes já se estabeleceram? Existe um abismo entre os dois que impede o primeiro de criar condições já alcançadas pelo segundo.

Não se pode creditar esses fatos apenas ao contexto histórico, pois os elementos expostos anteriormente permite-nos imaginar que há dificuldades relacionadas as tradições e história de cada um, mas também a questões relacionadas à política da reforma agrária.

Conclusão: As experiências nos mostraram que velhos desafios estão presentes na agroecologia e que as desigualdades no campo desafiam o seu desenvolvimento. Conclui-se, a partir das experiências visitadas, que a agroecologia vai além da produção orgânica, esta inclui um conjunto de práticas sustentáveis que valorizam os conhecimentos tradicionais, além de prezar por justiça social.

Agradecimentos: Comboio Agroecológico do Sudeste, ABA (Associação Brasileira de Agroecologia), ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), ACA (Articulação Capixaba de Agroecologia) e a Ester Louback Ferraz pelo apoio com as traduções para o inglês. Agradecemos profundamente às agricultoras/es, assentadas/os, indígenas, comunidades tradicionais que se abriram para que conhecêssemos esse Brasil que não está nas mídias, que seguem sofrendo e lutando para se manter em suas terras.

Glauber Cardoso Guimarães, Sara Gonçalves Barbosa, Devin Mounts e Irene Maria Cardoso.